



Revista de Estudos Linguísticos, Literários, Culturais e da Contemporaneidade -

Associada ao programa de mestrado Profletras-UPE-Garanhuns -

aos grupos de pesquisa ARGILEA e DISCENS

ISSN: 2236-1499 - registro na Crossref, d.o.i.: 10.13115/2236-1499

Número Especial 18b – 03/2016 - Com artigos, resumos e comunicações do CONEAB-2015

PHATYMA: ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE

Flávio Passos Santana (UFS)
Jeferson Rodrigues dos Santos (UFS)

Ao longo dos anos, as nações pós-coloniais assistem as modificações de alguns costumes tradicionais e isso ocorre devido aos processos impostos pelo colonialismo e pela globalização. Dentre os cinco países africanos de língua portuguesa, Moçambique é rica em pluralidade étnica, linguística, religiosa. Tal condição advém do contato entre os diferentes povos, permitindo a construção de um mosaico de tipos humanos, com as diversas tradições, línguas, costumes, cujas marcas são construídas pela tensão dos tempos (passado-presente-futuro) e dos conceitos de tradicional e moderno

Diante disso, tanto a literatura como “o cinema *partilham* do mesmo desafio [...] e têm [...] a importante função de narrar espaços nacionais ainda considerados periféricos” (APA, 2012, p. 266). Tão logo, o objetivo deste trabalho é analisar como o conflito cultural é representado no curta-metragem *Phatyma*, de Luiz Chaves e Paulina Chiziane. Também, como parte da representação dos processos de transformações, observamos o enfoque pós-colonial, pois, ao olhar para os espaços rurais moçambicano, narra os sentidos e a formação da identidade cultural.

Com vistas na exploração das perspectivas estético-culturais, o método de análise é ancorado na Semiótica greimasiana, uma vez que a ideia de percurso gerativo de sentido ajuda a analisar o movimento estético. Neste caso, o caminho é conduzido por três níveis¹ para articular os termos: tradição e modernidade. Estes termos, por sua vez, aludem à perspectiva

¹ O percurso gerativo de sentido possui três níveis, a saber: o fundamental, o narrativo e o discursivo. No entanto, pelo fato de termos um limite de páginas a ser seguido, optamos por apenas analisarmos os níveis fundamental e discursivo.

cultural, os quais, em diálogo com a proposta semiótica, sugerem a reflexão do processo que envolve tanto a tradição como a modernidade. Desse modo, “o desafio que propõe é, por além de narrar *a nação moçambicana* enquanto sujeitos de um determinado espaço nacional, também tenta explicar como determinadas culturas e narrativas nacionais se reinscrevem num contexto globalizado” (APA, 2012, p. 274).

A tradição e a modernidade vista semioticamente em *Phatyma*

Personagens, tempos e espaços: são três elementos para a composição narrativa. Eles, com vistas nas aproximações, também fazem parte da construção fílmica. Tanto a narrativa como o filme têm em comum o uso da metáfora como figura de representação do “real”. As pluralidades desses suportes fazem com que amplie o horizonte de expectativa do leitor (literatura) e do espectador (filme). Por exemplo, os recursos dos filmes (visual, sonoro, audiovisual) permitem a introdução dos elementos que fazem parte da estruturação de uma narrativa. Dessa maneira, o hibridismo é a chave para a textualidade dessas produções.

Trazendo esse plano para o curta-metragem “Phatyma”, o adequamento realizado corresponde às esferas estéticas e ideológicas. Tem uma protagonista (Phatyma) e as coadjuvantes (a avó e a mãe), todas mulheres, postas como atrizes do enredo da própria história. O movimento temporal é confluyente: passado-presente-futuro; do aqui e do agora, tece o questionamento ao retornar para a memória histórica por meio de um movimento pelo qual se processa o futuro. Este caminho transita para o espaço cujo contato abarca o fluxo estético-ideológico, justamente porque é ambientado no Sul de Moçambique e, pensando no enredo, as personagens se situam na casa (Phatyma, avó e mãe) e na escola (Phatyma). Ora, uma vez que a protagonista está nos dois lugares, sugere a seguinte possibilidade investigativa: o que é ser mulher em um espaço construído pela ideologia patriarcal?

As personagens caminham em um espaço de tensão entre o tradicional e o moderno, e as idas e vindas nas temporalidades são marcadoras dos mecanismos de compreensão do que se ocorre (presente) e da fomentação do que poderá ocorrer (futuro). Para tanto, os estudos da Semiótica (linha francesa) propõem a abertura aos sentidos de um determinado texto e, conseqüentemente, analisa os seus mecanismos e procedimentos no plano do conteúdo (BARROS, 2012).

Esse movimento é arquitetado pelo percurso gerativo de sentido. Ele se desenvolve desde o nível mais simples e abstrato até o mais complexo e concreto; nesse percurso, são

determinadas três etapas, sendo que elas podem ser explicadas separadamente, mesmo o sentido do texto dependendo da relação entre os três níveis. Consequentemente, os três níveis se dividem em: nível fundamental, que é o mais simples e abstrato e, nele, o sentido é apresentado como uma oposição semântica; nível narrativo, sendo que, neste, a narrativa é organizada a partir da visão de um determinado sujeito; e nível discursivo, o mais complexo e concreto, no qual a organização da narrativa construída no nível anterior vai se tornar discurso por meio dos procedimentos de actorialização, tematização, espacialização e figurativização, na medida em que, com isso, completa-se o aperfeiçoamento e se consolida a semântica.

Concomitante ao caminho sugerido, é evidente a reflexão a respeito das consequências da modernidade. Anthony Giddens propõe esse debate e formula diversas questões, dentre elas a “reflexividade”. Tendo em vista que a modernidade é a “descontinuidade específica ou conjunto de descontinuidades, associadas ao período moderno” (GIDDENS, 1991, p. 10), há o rompimento com o sentido de fixidez, sobretudo por considerar um ritmo de mudanças que expõem os níveis globais e formulam os espaços modernos. Nesse cenário, umas das características dos espaços modernos é a “reflexividade”, compreendida como “as práticas sociais [...] constantemente examinadas e reformadas à luz de informações renovadas sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (1991, p. 39).

Além disso, com a reflexividade, os temas abordados por um discurso transformam a realidade na qual o próprio discurso é formado. Isso significa duas coisas: o indivíduo é colado nas possibilidades de escolhas quanto ao sentimento de pertença, ao passo que “a tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume a herança cultural dos precedentes” (GIDDENS, 1991, p. 38). Dessa maneira, na esteira de José Luiz Fiorin, a “semântica e a sintaxe do nível fundamental representam a instância inicial do percurso gerativo e procuram explicar os níveis mais abstratos da produção, do funcionamento e da interpretação do discurso” (FIORIN, 1992, p. 20).

Como estamos abordando o nível fundamental, o sentido do texto se dá a partir de uma “oposição semântica”, que é mediada pela existência de um elemento básico e comum aos termos contrários entre si, tendo, então, as seguintes possibilidades: quando há relações sensoriais do sujeito com os conteúdos – os termos contrários – tidos como atraentes ou eufóricos e repulsivos ou disfóricos; quando eles são negados ou afirmados por intervenções de uma sintaxe elementar; ou quando são concebidos e vistos através de um modelo lógico dessas relações alcunhado de *quadrado semiótico*. Este, segundo Jacques Fontanille,

“apresenta-se como a reunião dos dois tipos de oposições binárias em só um sistema que administra, ao mesmo tempo, a presença simultânea de traços contrários e a presença e a ausência de cada um desses traços” (FONTANILLE, 2012, p. 62).

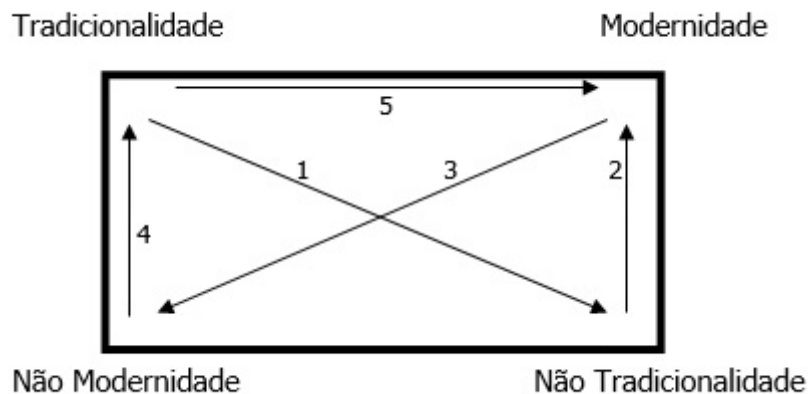
Justapondo os seguintes escopos ao contexto do curta *Phatyma*, a categoria semântica fundamental é estabelecida por meio das modificações vivenciadas pela sociedade moçambicana, por sua vez, representado pelos seguintes elementos: o tradicional e o moderno. Uma leitura para esse esquema seria que o tradicional, para a personagem Phatyma, é tido como disfórico e o moderno é representado como eufórico. Assim, o tradicional é visto como repulsivo e o moderno como atraente, cujas operações de afirmação e de negação nos remetem ao trajeto abaixo:

AFIRMAÇÃO	NEGAÇÃO	AFIRMAÇÃO
Tradicional	Não-Ausência	Moderno
Disforia	Não Disforia	Euforia

A partir desse movimento ocorre a construção de uma história euforizante, isto é, ela parte da disforia à euforia em um trajeto pelo qual a personagem diz que irá à luta para conseguir alcançar a modernidade para que os homens e mulheres possam, de fato, possuir os mesmos direitos. Nesse cenário, Phatyma deseja um futuro ligado tanto a tradição como a modernidade, pois, ao questionar o papel da figura feminina na tradição, ela busca as referências para o sentimento de pertença. A “reflexividade” é pertinente porque a avó e a mãe são símbolos da tradição, ao passo que Phatyma é a figura reflexiva do futuro.

Vale ressaltar que esses termos não passam diretamente de um para o outro, mas se constituem por meio de intervenções de afirmação e negação. Dentro de alguns espaços culturais, o patriarcalismo é comum, daí o curta problematiza o tradicional e o moderno como forma de inserir a mulher no espaço da sociedade moçambicana, como aponta a seguinte fala: “Meu futuro depende da força da mulher que sou. Depende das decisões que eu tomar para mim” (CHAVES & CHIZIANE, 2010).

Ora, podemos sintetizar analiticamente o curta *Phatyma* a partir do nível fundamental, mediante o seguinte quadrado semiótico:



Com base nesse esquema, o sujeito Phatyma encontrava-se na tradicionalidade, reproduzindo tudo aquilo que foi ensinado pela sua mãe e sua avó; ao negar essa tradição (Seta 1), a partir do momento em que vai para a escola e aprende que os homens e as mulheres possuem os mesmos direitos, ela passa a sonhar com um novo mundo para a sociedade em que vive, chega à modernidade (Seta 2), mas, ao chegar em casa e contar os ensinamentos aprendidos na escola para sua mãe, e esta repreendê-la, é obrigada a negar a modernidade (Seta 3); e volta para a tradição (Seta 4). Como ela começa a refletir e comparar a respeito do que foi visto na escola e a sua vida atual, nega a tradição (Seta 1) para, finalmente, afirmar a modernidade novamente (Seta 5), tornando-se uma menina sonhadora que parece estar disposta a mudar a realidade atual que vive para poder realizar seus sonhos, sem medo de ser diferente.

Esse entroncamento de relações que abreviam o percurso da protagonista dá conta da passagem de um estado para outro, quando, com o desenrolar do enredo no tempo e no espaço da narrativa, o tradicional é pouco a pouco modificado pela sensação de modernidade do sujeito Phatyma. A personagem frisa não ter que negar totalmente o tradicional para construir o moderno, pois ambos são importantes para preservar a cultura local. Nesse caminho, quando Phatyma tece as reflexões, faz um movimento para a sociedade. Seu diálogo e monólogo revelam, ainda mais por sustentar um processo intertextual no qual o artístico e o ideológico surgem como pontos para a construção do curta-metragem. Artisticamente, mantém os referentes estéticos ligado ao suporte utilizado; ideologicamente, segue os referentes da sociedade rural moçambicana. Portanto, por mais que a modernidade rasure a tradição, esta continua a conflitar porque são modos de conduta dos indivíduos.

É clara a inserção do contexto da colonização. No entanto, a figuração do monólogo da protagonista remete à interioridade, a qual, nesse movimento, faz com que percebamos o questionamento ao espaço rural do sul moçambicano. Apesar dos colonizadores serem forjados no patriarcalismo, a crítica desenvolvida corresponde às práticas patriarcais locais. Veja-se: “Posso ser moderna, sem negar minhas tradições, pois só quero preparar o meu presente e aprender com o passado” (CHAVES, CHIZIANE, 2010).

Ora, esse fragmento nos leva ao nível discursivo no qual a disposição narrativa é temporalizada, espacializada e actoralizada. Ou seja, as ações e os estados narrativos são localizados e programados temporal e espacialmente, e os actantes narrativos são designados pela categoria de pessoa. Ademais, os valores nesse nível são propagados no discurso, de maneira abstrata, revestidos pelos percursos temáticos, que, por seu turno, podem ser investidos e concretizados em figuras.

Como pontua Diana Barros, tematização e a figurativização correspondem ao “enriquecimento” dos sentidos do discurso. Na tematização, ocorre a propagação dos traços, os quais são revestidos de sentidos e tomados de forma abstrata. Já na figurativização esses traços semânticos são revestidos por traços semânticos “sensoriais” (de cor, forma, cheiro, som, etc.) que são capazes de dar a eles “o efeito de concretização sensorial”. Além disso, os discursos são qualificados pelas repetições de tipos de traços semânticos, apresentados como percursos temático, figurativo e isotópico. Este, segundo Greimas e Courtés é

[...] de caráter operatório, o conceito de isotopia designou, inicialmente, a iteratividade², no decorrer de uma cadeia sintagmática*, de clasemas* que garantem ao discurso-enunciado a homogeneidade. Segundo essa acepção, é evidente que o sintagma* que reúne ao menos duas figuras*sêmicas pode ser considerado como o contexto* mínimo que permite estabelecer uma isotopia. Assim acontece com a categoria* sêmica que subsume os dois termos contrários*: levando-se em consideração os percursos aos quais podem dar origem, os quatro termos do quadrado* semiótico serão denominados **isotópicos** (GREIMAS & COURTÉS, 2013, p. 275-276).

Esclarecendo o conceito do último termo destacado, este seria a repetição de traços semânticos que fazem com que o discurso se torne semanticamente coerente. De acordo com os postulados de Fiorin, “em Análise do Discurso (AD), isotopia é a recorrência do mesmo traço semântico ao longo de um texto. Para o leitor, a isotopia oferece um plano de leitura, determina um modo de ler o texto” (FIORIN, 1992, p. 81). Tão logo, os referentes são

² Os asteriscos são utilizados no texto original.

alocados no texto. Os textos figurativos são capazes de criar um efeito de realidade, por construírem “um simulacro da realidade”, correspondendo, dessa maneira, ao mundo. Os textos temáticos, por sua vez, procuram esclarecer a realidade, “classificam e ordenam a realidade significativa”, formando relações e dependências.

Seguindo os trilhos de Fiorin, os discursos figurativos possuem uma função descritiva ou representativa, ao mesmo tempo em que os temáticos têm uma função predicativa ou interpretativa. Para que um texto possa ser analisado, não interessam as figuras ou os temas isolados, pelo fato de que, para encontrar o tema que dá significado às figuras ou o tema universal que integra os temas distribuídos em um discurso temático, é necessário compreender os percursos figurativos ou temáticos. Assim, olhando para o curta-metragem, nos deparamos com movimentos metafóricos: lua, brilhar. Phatyma é oferecida a lua e seu nome significa brilho formulando a ideia de brilhar livremente (TINDÓ, 2013). Logo, instala-se o desejo de transformação, iniciado a partir da tradição, mas configurado com a escola (urbano, moderno). Desse modo, são nesses dois níveis (figuras e temas) o lugar em que se manifesta a ideologia e a concretização dos valores que a ideologia se revela com plenitude e nitidez.

Considerando esses levantamentos e aplicando o que foi falado a respeito do curta *Phatyma*, há um percurso temático no qual o tema universal é marcado pelo nível narrativo, que foram as transformações ocorridas em Moçambique, mediada pelos termos: tradicional e moderno. Como um percurso temático é um conjunto de lexemas abstratos em que se tem apenas um único tema principal, compreendemos a submissão, a igualdade e o poder como temas que revestem o tema universal. Nesse ínterim, como a figurativização é responsável por recobrir os traços semânticos da tematização por meio de traços sensoriais criando com isso um efeito de realidade e tendo a função descritiva ou representativa, traremos na sequência as figuras apresentadas no curta-metragem em tela, figuras estas que são responsáveis por revestir os temas:

TEMAS	FIGURAS
Submissão	Mulheres em casa; As cenas da mãe e da avó fazendo alguma atividade doméstica; Cuidar do marido, obedecê-lo e ouvir o que ele diz;

	Obrigatório todas as meninas irem à escola.
Igualdade	Apreensão de que homens e mulheres possuem os mesmos direitos; Não ter medo de ser diferente;
Poder	A mulher tem que se ajoelhar diante do homem; O homem passa a semana fora de casa trabalhando;

Através desse quadro, observamos como se sucederam os temas e a sua importância para a construção de sentido da narrativa, dando-lhe um efeito de concretização sensorial. Com vistas nas figuras dispostas acima, identifica-se os argumentos utilizados para confirmar os temas que revestem o tema universal dessa narrativa, fazendo com que nós, espectadores, consigamos identificar os elementos significativos que foram utilizados para a construção do efeito de sentido do curta em análise. Desse modo, A partir da abordagem do conceito de isotopia, esse curta-metragem determina que leiamos a película como uma história de uma garota que apresenta o traço /Mudança cultural da sociedade moçambicana/. E, por meio dos traços semânticos, vislumbramos Phatyma como uma menina revolucionária, que enxerga além do seu tempo e do espaço, e entra em contradição com a sociedade moçambicana. Além disso, pelas pistas deixadas na película, podemos inferir que ela buscará almejar seus desejos de mudança não deixando a sua cultura de lado, mas conseguindo obter os seus direitos e de todas as mulheres da sua comunidade, e, assim, fará história para poder mostrar a todos que não se deve ter medo de ser diferente, pois, segundo a protagonista

Mas eu sei que posso mudar. É minha hora de mudar. Posso ser moderna sem negar minhas tradições, pois só quero preparar o meu presente e aprender com o passado e não tenho medo de ser diferente (Phatyma, 2010).

Com base nesses apontamentos, há a relação do significado exposto no início do curta a respeito do nome Phatyma (brilho) com a sua história de vida, pois, de acordo com o desenrolar da narrativa, Phatyma, ao seguir os seus sonhos e os seus desejos revelados na película, brilhará assim como o seu nome.

Assim, o curta-metragem dialoga com a conjuntura contemporânea e pós-colonial para refletir as temporalidades, as espacialidades, as subjetividades, as identidades. Tal condição é marcada pelo contexto da contemporaneidade, que debate as identidades e métodos que a cercam; refletem o processo e abrem espaço para as questões de gênero e de cultura. De fato,

essas epistemologias refletem o crivo da globalização, o qual, ao articular uma certa universalidade, põe em debate a relação entre o local e o global, o tradicional e o moderno.

Ainda mais, pensando na esteira pós-moderna, a ideia corresponde ao sentido de fragmentação que cerca as relações humanas, as subjetividades e as identidades. Nesse viés, surge a necessidade de recriar as identidades locais, sem perder de vista a relação com o global, interrogar os discursos hegemônicos e descentralizar as lutas discursivas. Desse modo, *Phatyma* debate acerca dos conflitos culturais, tendo em vista a oposição ou a confluência entre o tradicional e o moderno, gerando o retrato crítico da sociedade moçambicana (local) e contemporânea (transnacional e/ou global).

Referências

APA, Livia. Nação e Narração: o que nos dizem os cinemas africanos? In: LEITE, Ana Mafalda *et al.* *Nação e narrativa pós-colonial: Angola e Moçambique*. v. 1. Lisboa: Edições Colibri, 2012, pp. 263-274.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2012, pp. 187-219.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do Discurso*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GREIMAS, Algirdas. Julius; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

Phatyma. Texto de Paulina Chiziane e Luiz Chaves. Realização Luiz Chaves. Africa Makya Produções, 2010.

TINDÓ, Carmen Lúcia Secco. *Phatyma e o sonho de mudar o mundo*. *Mulemba*. Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 9, pp. 38- 50, jul./dez. 2013.